

A MUSEOLOGIA QUE NÃO SERVE PARA A VIDA, NÃO SERVE PARA NADA: O MUSEU DAS REMOÇÕES COMO POTÊNCIA CRIATIVA E POTÊNCIA DE RESISTÊNCIA

MARIO CHAGAS* E DIANA BOGADO**

BREVE AGRADECIMENTO

Agradecemos à Fundação Casa de Rui Barbosa, especialmente aos coordenadores do projeto “Preservação da memória das Olimpíadas: processos e ações” e aos organizadores do livro e do seminário “Memória das Olimpíadas: múltiplos olhares”, o honroso convite que nos foi encaminhado para participar e, em certa medida, contribuir para a “preservação e a produção de um conjunto documental de amplo espectro, que abrangerá desde o processo de construção do projeto de sediar o evento no Brasil, mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro, ao momento de realização dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos”.¹

O que nos mobiliza e nos leva a participar do livro e do seminário não é a celebração da memória das Olimpíadas, muito associada à memória do poder,² mas, sim, a possibilidade de abordar e registrar (ainda que de modo singelo) o poder da memória,³ a contramemória, a memória como um dispositivo de resis-

* Poeta, museólogo e cientista social. Mestre em História Social pela Unirio e doutor em Ciências Sociais pela Uerj. Coordenador cultural do Museu da República, professor visitante da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e professor colaborador do Programa de Pós-Graduação de Museologia da Universidade Federal da Bahia. Tem experiência no campo da museologia e da museografia, com ênfase na museologia social, nos museus sociais e comunitários, na educação museal e nas práticas sociais de memória e patrimônio. Participação na idealização e criação do Museu das Remoções. E-mail: pmariosc@gmail.com.

** Graduação (2008) e mestrado (2011) em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal Fluminense. Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Sevilha, Espanha. Professora da Universidade Anhanguera, com atuação nas disciplinas de Projeto de Arquitetura e Projeto de Urbanismo. Experiência na elaboração e desenvolvimento de projetos participativos comunitários de arquitetura e urbanismo no Brasil, na Europa, na África e na América Latina. Participação na idealização e criação do Museu das Remoções. E-mail: dibogado@yahoo.com.br.

1 Ver projeto disponibilizado no seguinte endereço: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/arquivos/file/bolsistas16/Projeto_Preservacao_Memoria_Olimpiadas_processos_acoes.pdf>. Acesso em: fev. 2017.

2 Ver o texto “Memória e poder: dois movimentos”, publicado nos *Cadernos de Sociomuseologia*. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/367>>. Acesso em: fev. 2017.

3 Ibid.

tência e luta, a memória contra-hegemônica e o museu como possibilidade e prática social de profanação.⁴

MEMÓRIA EM MOVIMENTO

O projeto colocado em movimento pela Fundação Casa de Rui Barbosa busca preservar registros que possam ancorar diferentes e diversificadas memórias e narrativas do processo de construção de “uma cidade olímpica” e, por esse caminho, documentar e produzir análises sobre o impacto do megaevento na cidade do Rio de Janeiro e no Brasil. O referido projeto está orientado e articulado em torno de três eixos temáticos: esporte, cultura e cidade. Nosso texto e nossa participação no seminário movimentam-se entre os eixos cultura e cidade.

A narrativa que aqui se oferece movimenta-se, por seu turno, entre a criação e a resistência. Tomando como ponto de partida reflexões e práticas elaboradas no campo dos museus e da museologia social, o presente texto tem a intenção de fortalecer o diálogo com e o exercício de uma nova imaginação poética (potência de criação) e também política (potência de resistência) em articulação com os movimentos sociais e com a afirmação da arte, da filosofia e da ciência colocadas a favor da celebração da potência da vida.

“A memória é uma ilha de edição”.⁵ Esse verso-poema de Waly Salomão⁶ opera uma extraordinária síntese e propicia a compreensão de que a memória é construção social e, como tal, é construtora de sociabilidades e subjetividades. Esse poema também conduz ao rápido entendimento de que a memória não é total, ao contrário, é sempre seletiva e formada por fragmentos, vestígios, sobejos e retalhos com os quais se compõem narrativas épicas, líricas, trágicas e cômicas. A memória inscrita no corpo, no “corpo vibrátil”,⁷ é uma ilha de edição e, por isso

4 Ver: AGAMBEN, Giorgio. *O amigo & O que é um dispositivo*. Ver também: FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*.

5 Esse é o primeiro verso do poema “Carta aberta a John Ashbery”, incluído no livro *Algaravias: câmara de ecos*, de autoria de Waly Salomão, publicado em São Paulo, em 1996.

6 Poeta brasileiro. Nasceu em Jequié (BA), a 3 de setembro de 1943, e faleceu no Rio de Janeiro (RJ), a 5 de maio de 2003. Participou do movimento tropicalista, foi letrista de canções de sucesso e no primeiro semestre da gestão de Gilberto Gil à frente do Ministério da Cultura foi secretário Nacional do Livro.

7 Para Suely Rolnik, o “corpo vibrátil” é uma capacidade peculiar de nosso corpo que permite a apreensão da alteridade “em sua condição de campo de forças vivas que nos afetam e se fazem presentes em nosso corpo sob a forma de sensações. O exercício desta capacidade está desvinculado da história do sujeito e da linguagem. Com ela, o outro é uma presença que se integra à nossa textura sensível, tornando-se, assim, parte de nós mesmos”. Ver: ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*, p. 12.

mesmo, segue jogando o jogo de capturas e movimentos de fuga, de manipulações e emancipações, de tiranias e liberdades.

Esse poema, iluminado pela luz do cinema, ilumina a compreensão: a memória está no campo das relações e das lutas, mas também implica determinados afetos, representações e direitos, bem como deveres e compromissos.

Um seminário que tem por tema a “Memória das Olimpíadas: múltiplos olhares” convida-nos a tratar não apenas da memória das vitórias e derrotas dos atletas e de seus patrocinadores e dos políticos que se beneficiam dos Jogos Olímpicos e dos impactos do turismo olímpico na rede hoteleira, mas também de outras memórias, das memórias dos moradores que foram afetados pelo projeto olímpico que, à revelia dos cidadãos cariocas, implantou-se de cima para baixo na cidade do Rio de Janeiro.

O texto que aqui se disponibiliza cuida de apresentar um outro olhar, uma outra memória das Olimpíadas e, neste caso, o nosso ponto de partida é a memória da remoção da Vila Autódromo.

CONVERSANDO COM O FILÓSOFO

O filósofo Cláudio Ulpiano,⁸ em sua aula “A potência não orgânica da vida”, ministrada no dia 1º de fevereiro de 1995, sustenta que “a filosofia, a arte e a ciência ou o pensamento são forças que prestam serviços práticos à vida mais nada!”.⁹

Dialogando com o filósofo, autor do livro *Gilles Deleuze: a grande aventura do pensamento*,¹⁰ quero sustentar que “a museologia que não serve para a vida, não serve para nada”.

A vida e a defesa da vida vêm antes de tudo. Esse, talvez, deva ser considerado “o” princípio da museologia social. Tomara um dia possamos dizer o mesmo para toda e qualquer museologia, mas enquanto existir uma museologia nazista, uma museologia fascista, uma museologia racista, homofóbica e etnocêntrica, não será possível afirmar a universalidade desse princípio.

A museologia social, em sintonia com o princípio anteriormente apresentado, há de servir não apenas à preservação de coisas, objetos e artefatos, mas à valorização da vida em sociedade, não à vida orgânica e biológica apenas, mas à vida como relação, como vivência e convivência, como potência não orgânica de vida, como potência de criação e de resistência.

8 Filósofo nascido no Brasil em 1932 e falecido em 1999.

9 Disponível em: <<http://claudioulpiano.org.br/aulas-transcritas/aula-7-01021995-a-potencia-nao--organica-da-vida/>>. Acesso em: fev. 2017. Ver também: <<http://claudioulpiano.org.br/>>. Acesso em: fev. 2017.

10 Ver: ULPIANO, Cláudio. *Gilles Deleuze: a grande aventura do pensamento*.

Não se trata aqui de uma vida abstrata, mas de uma vida que se faz e se realiza na concretude dos dias, dos corpos, dos movimentos e enfrentamentos. Trata-se da vida carregada de compromissos éticos, políticos e poéticos.

As mudanças conceituais e teóricas geradas no campo dos museus afetam e produzem transformações relevantes na museologia que, no entendimento aqui sustentado, está longe de ser ciência castiça e descomprometida com a vida, mas, ao contrário, bastante próxima de um saber-fazer “in-mundo”, “in-disciplinado”, contaminado de vida afetiva, política e social.

Essa perspectiva coloca em xeque a orientação museológica que se considera isenta de ideologia e crê na possibilidade de uma museologia pura, higiênica, esterilizada, “sem partido”. Oculta por trás dessa crença, que não nos engana, o desejo de abandonar a reflexão e o pensamento crítico, o desejo de esconder a gota de sangue,¹¹ o desejo de construir memórias e histórias num campo liso, com rugosidade zero.

Por fim, cabe considerar que a museologia social ancora-se no desejo de prestar serviços práticos à vida e, por isso, está interessada em inventar e reinventar, imaginar e reimaginar, ver, rever e transver os museus, compreendendo-os e praticando-os como acontecimentos e atos que afetam e potencializam a vida, não uma vida qualquer, mas uma vida produtora de mais vida do ponto de vista relacional, emocional, pensamental, intuicional, social e político.

APROPRIAÇÃO DA MUSEOLOGIA SOCIAL SEM PUDOR

Queremos falar do Museu das Remoções. Ali, no Museu das Remoções, está em pauta, de modo radical, uma museologia que serve à vida, à potência de vida, à potência de criação e de resistência.

O Museu das Remoções, ainda que raro, não é o único exemplo de uma *museologia com e*, muito menos, o único exemplo de uma *museologia participativa*. Ainda que raro, o Museu das Remoções, assim como o Museu do Horto, apropriam-se da museologia social sem nenhum pudor, sem qualquer intenção, necessidade ou desejo de pagar tributos.

Mas, afinal, o que é e o que vem a ser o Museu das Remoções?

11 Ver: CHAGAS, Mário. *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade*.

O MUSEU DAS REMOÇÕES NA VILA AUTÓDROMO

O Museu das Remoções é uma iniciativa desenvolvida por moradores, apoiadores e amigos da Vila Autódromo.¹² O museu foi inaugurado no dia 18 de maio de 2016, quando se comemorava o dia internacional dos museus, com o tema “Museus e paisagens culturais”, sugerido pelo Conselho Internacional de Museus (Icom).

Situada na Barra da Tijuca, no município do Rio de Janeiro, a Vila Autódromo era constituída por mais de 600 famílias e estava situada (ironicamente) às margens da avenida Salvador Allende e da lagoa de Jacarepaguá.

O processo de remoção das famílias da Vila Autódromo foi perverso e muito violento. Em nome do grande capital e de um megaevento de caráter mundial (qual seja: as Olimpíadas), a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, atendendo aos interesses de poderosas empreiteiras, decidiu remover as famílias que moravam na Vila Autódromo há mais de 50 anos e que estavam com sua situação fundiária inteiramente regulamentada.

O processo de remoção foi tenso e envolveu luta, sangue, disputa. Pelo menos 580 famílias foram removidas. Talvez, a prefeitura não contasse com a resistência de 20 famílias que insistiam em dizer: “Nem todos têm um preço”. Essas 20 famílias, com o auxílio de apoiadores e amigos, (r)existiram, inventaram novas possibilidades de estar no mundo e venceram os Jogos Olímpicos.

Foi nesse quadro e nesse clima que, entre janeiro e março de 2016, organizou-se um grupo de quefazeres visando à criação do Museu das Remoções, a partir dos escombros das casas destruídas, dos registros documentais e das memórias dos moradores e apoiadores da Vila Autódromo.

O Museu das Remoções, criado por uma comunidade popular que enfrentou o poder destruidor do poder público e descobriu na luta o seu próprio poder, chamou para si a tarefa e a responsabilidade de contar a história das remoções a partir da perspectiva dos afetados pelas políticas de remoções. O lema do Museu – “Memória não se remove” – passou a ser a chave de todas as ações, os projetos e os encaminhamentos.

É claro que memória se remove. A memória se remove cirurgicamente, biologicamente, socialmente, historicamente e museologicamente. A grande mídia cotidianamente opera a favor da produção de esquecimentos; a grande mídia (quando quer e quer sempre) cuida de remover memórias. É claro que a afirmação de que “Memória não se remove” implica um desejo, um desafio e uma disposição para a luta e para o enfrentamento e uma indicação de que a memória está em disputa. Por essa vereda, alcançamos o coração do presente seminário.

12 Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2016/05/18/museu-das-remocoes-expoe-memoria-de-resistencia-da-vila-autodromo-no-rio/>>. Acesso em: fev. 2017.

UM MUSEU SURPREENDENTE E COM FORTE PRESENÇA NAS OLIMPÍADAS

A inauguração do Museu das Remoções, no dia 18 de maio de 2016, contou com a construção de sete esculturas realizadas por estudantes de arquitetura da Universidade Anhanguera, a partir dos escombros das casas destruídas. O museu apresentou uma potente crítica no que se refere ao tema, aparentemente pacificado: “Museus e paisagens culturais”. E indicou que os principais destruidores da paisagem cultural são o poder público em articulação com o grande capital, as grandes corporações e as grandes empreiteiras.

Durante as Olimpíadas, o Museu das Remoções teve um papel muito forte e expressivo e atraiu o público internacional, turistas e jornalistas. Nesse período, foram realizadas exposições, debates, ocupações e visitas especiais.

Ao longo de todo o ano de 2016, o Museu das Remoções realizou, participou e foi apresentado em diversas ações na Vila Autódromo, em universidades (Unirio, Uerj, PUC, UFRJ) e em várias instituições da cidade do Rio de Janeiro, em São Paulo, no Brasil e no exterior, especialmente no Peru, no Chile, na Colômbia e no México.

Selecionamos para esse seminário o Museu das Remoções, mas, além dessa experiência museal, seria possível citar, por exemplo: o Museu da Maré, que desde 2006 é uma forte inspiração para outras iniciativas de memória; o Museu da Rocinha Sankofa Memória e História, em processo desde 2007; o Museu Vivo de São Bento, lançado em 2007, no município de Duque de Caxias; o Museu de Favela, lançado em 2008, nas comunidades do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo; o Eco-museu Amigos do Rio Joana, lançado em 2013, na favela do Andaraí; o Museu Casa Bumba Meu Boi – Raízes do Gericinó, criado em 2013; o Museu de Artes Cênicas e o Museu de Artes Lúdicas, criados em 2014 – os três últimos situados em Bangu, na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. Com certeza, todos teriam o que dizer sobre a memória das Olimpíadas.

O Museu das Remoções não pede permissão para ser museu; ele se assume e se afirma como museu. Ele desenvolve um conjunto de práticas na primeira pessoa (do plural e do singular) e nos auxilia a identificar a importância de uma museologia compreensiva e libertária. Trata-se de um museu que nos ajuda a perceber os limites da museologia normativa, que dá mais valor às regras e normas do que à própria dinâmica da vida.

O Museu das Remoções constitui uma indicação clara de que a museologia social está em movimento e continua vivendo a potência de criação, a potência de resistência e a potência de vida.

Vista aérea da Vila Autódromo.



Foto: Luiz Claudio da Silva, Vila Autódromo, 2009.

Demolição da Casa da Conceição Queiroz.



Foto: Luiz Claudio da Silva, Vila Autódromo, 2016.

A MUSEOLOGIA QUE NÃO SERVE PARA A VIDA NÃO SERVE PARA NADA

Museu das Remoções. Estamos diante de um processo museal que produz novos agenciamentos, novas linhas de ação e faz rizoma com o mundo. Trata-se de um museu que, com memória e criatividade, com afetos políticos e afetos poéticos, produz transformações sociais e faz história.

Trata-se de um museu que exercita novas imaginações políticas, poéticas e museais e colabora para a inovação e a invenção de conceitos e práticas.

O Museu das Remoções vivencia uma museologia que está de modo pleno a serviço da vida, afinal, como diz o filósofo Cláudio Ulpiano, “a filosofia, a arte e a ciência ou o pensamento são forças que prestam serviços práticos à vida – mais nada”. É isso e apenas isso o que dá sentido à museologia social.

Para finalizar, é importante reconhecer que a denominada museologia social, que também pode ser chamada de sociomuseologia e, dependendo da situação e do projeto, de museologia crítica ou de museologia do afeto, está em movimento. É claro que existem diferenças, sutilezas e delicadezas entre essas diferentes denominações, mas o que está em pauta, aqui e agora, é o reconhecimento de um comum em movimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O amigo & O que é um dispositivo*. Chapecó: Argos, 2014.
- CHAGAS, Mário. *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade*. 2. ed. Chapecó: Argos, 2014.
- _____. Memória e poder: dois movimentos. *Cadernos de Sociomuseologia*, v. 19, n. 19, jun. 2009. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/367>>. Acesso em: fev. 2017.
- FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico; As heterotopias*. São Paulo: N-1 Edições, 2013.
- PITASSE, Mariana. Museu das Remoções expõe memória de resistência da Vila Autódromo, no Rio. *Brasil de Fato*, 18 maio 2016. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2016/05/18/museu-das-remocoes-expoe-memoria-de-resistencia-da-vila-autodromo-no-rio/>>. Acesso em: fev. 2017.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS: Sulina, 2016. p. 12.
- SALOMÃO, Waly. *Algaravias: câmara de ecos*. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- ULPIANO, Cláudio. *Gilles Deleuze: a grande aventura do pensamento*. Macaé (RJ): Funemac Livros: Centro de Estudos Claudio Ulpiano, 2013.